



Milonga dos invisíveis

Foi Ed Motta quem me falou do músico argentino Rodolfo Alchourron. No site www.rodolfoalchourron.com encontra-se material sobre ele: discos, vídeos, fotos, biografia.

Qualquer comentário sobre música só serve pra quem já conhece a música comentada, como observou Ezra Pound. Podemos dizer que tal peça é intensa, sublime, ou isso e aquilo, e o leitor ficará mais ou menos na mesma.

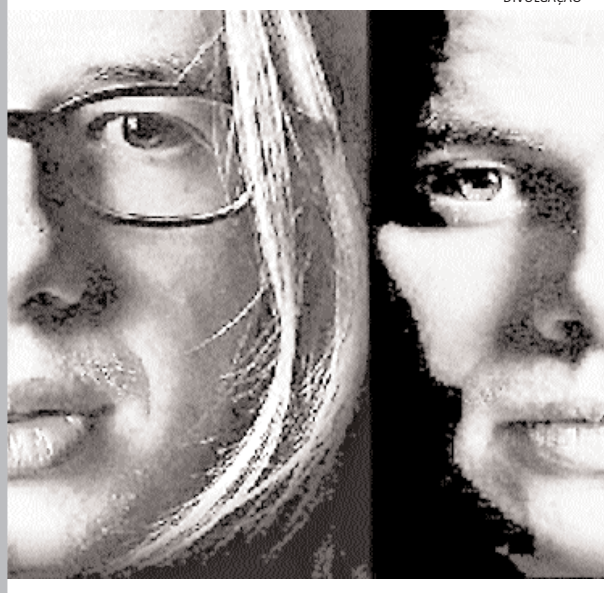
Vale, porém, a dica do Ed, o maior gourmet de música do País. No site podemos baixar músicas em formato MP3, como a milonga citada.

Aí poderemos concordar que Alchourron faz música com grande profundidade, lembrando, talvez, o nosso Egberto Gismonti.

O músico, falecido em 1999, foi guitarrista, compositor e arranjador. Colaborou com Astor Piazzolla e Michel Legrand, entre outros. Deixou nove discos gravados; ao longo dos anos foi despidendo sua música de referências estrangeiras para se concentrar na paisagem musical portenha.

Os Irmãos Químicos

DIVULGAÇÃO



Que os ingleses estão inventando pra valer, Wayne Shorter já havia comentado há uns quatro anos. Talvez ele estivesse pensando nos Chemical Brothers. A dupla Ed (Simons) e Tom (Rowlands) produz uma das mais ousadas combinações de pop com experimentação eletrônica. A estética está mais para o som de DJs do que de músicos: bases eletrônicas não-lineares, sem melodias e harmonias, com colagens, ruídos, interrupções (às vezes insuportáveis), quebrando o tempo todo a linearidade da audição.

Radicalismo eletrônico que aos poucos vai sendo devorado pela música pop. Como alguém me falava outro dia, a música eletrônica, pop ou não, é uma árvore que enriquece a floresta musical.

A música
eletrônica,
pop ou não, é
uma árvore
que enriquece
a floresta
musical

Se fosse a única espécie existente, a paisagem seria um tanto inóspita. Ao lado de outras espécies, sua contribuição é significativa.

Dois momentos do Chemical Brothers: o aclamado *Dig Your Own Hole* (que título poético!), segundo disco (97), bastante experimental, e o último trabalho, *Come With Us* (2002), mais dançante.

Os músculos da música

O documentário *Nelson Freire*, de João Moreira Salles, captura, em vários momentos, a dedicação do músico e uma quase solidão, dois lados da mesma moeda. Todo músico assim o é por destino. Contraparte lógica de seu esforço é a humildade, que em Nelson Freire é mais visível que sua casaca de duas tiras. Fugindo dos holofotes para não tirar o foco da única coisa que interessa no ofício – a própria música – sua figura sutilmente *gauche* nos dá uma lição de concentração e de ética.

Mesmo o esforço físico dos músicos, inevitável, em Nelson é ágil e discreto o bastante para não causar dispersões. Protegido assim por sua imensa técnica o pianista já se aloja no espírito da música. Técnica é espírito, espírito é técnica. As correias movem-se juntas o tempo todo. O fato de Mozart por ele ser interpretado com alguma elasticidade, e seu Chopin se aproximar de um “mozartismo” sem arroubos, é a clara prova disso.

No filme de Moreira Salles não se esconde o trabalho braçal por trás do gênio. Ao contrário, vemos – sim, parece inacreditável – o pianista preocupado com determinada passagem de Brahms para, ao final, nos bastidores, comentar: “Viu?, aquilo saiu!”

Surpreendente também, e deliciosa, é sua admiração por Errol Garner, o pianista de jazz. “É o músico que toca com mais prazer, entre todos que já ouvi; quando eu toco, tem de haver pelo menos um pouquinho disso”.

Entre cenas domésticas de elegante discrição e as apresentações públicas, o documentário *Nelson Freire* retrata o trabalho do músico com profundidade incomparável.